



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

13006 - Resumo Expandido - Trabalho em Andamento - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)
 ISSN: 2447-2808
 GT12 - Currículo

DESCONSTRUINDO O ROTEIRO: POR UMA REDESCOBERTA DOS CURRÍCULOS NOS COTIDIANOS ESCOLARES

Evelin Mariana Claro Barbosa - UERJ - FFP - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

DESCONSTRUINDO O ROTEIRO: POR UMA REDESCOBERTA DOS CURRÍCULOS NOS COTIDIANOS ESCOLARES

Resumo: A pesquisa em desenvolvimento problematiza os sentidos que emergem das narrativas de professoras de apoio educacional especializado da cidade de Niterói ao conversar sobre produções curriculares (GARCIA, 2015) possíveis no período do isolamento social provocado pela pandemia da covid-19. Aproxima-se político-epistemologicamente das pesquisas com os cotidianos escolares (ALVES, 2001, 2008) e assume as conversas como princípio metodológico para o trabalho com narrativas (GARCIA; RODRIGUES; GONÇALVES, 2018; PASSEGGI, 2016). Entende as narrativas docentes como caminhos que corroboram pensar currículos como produções cotidianas de sentidos (GARCIA, 2015), mobilizando desinvizibilizações de resistências às centralizações curriculares presentes em *políticaspráticas* das escolas públicas que integram a pesquisa.

Palavras-chave: Educação, Cotidiano, Currículos e Pandemia da Covid-19.

Antes de embarcar nesta pesquisa-viagem ^[1] comecei a, timidamente, planejar um roteiro. Neste roteiro tentava esmiuçar os caminhos metodológicos que norteariam cada etapa desta jornada. Sim, eu buscava por um “norte”, um modelo prescritivo, um molde. Ora, se este molde existe, estaria eu predisposta a me encaixar nele? Parece que sim. E dói

reconhecer que, em muitas circunstâncias, negligenciamos a nós mesmos, nossa cultura e nossas formas de pensar o mundo para experimentar uma sensação, por vezes enganosa, de pertencimento. Boaventura de Sousa Santos (2010) ajuda a problematizar o que chamo de busca por um norte quando, ao analisar o pensamento moderno ocidental, o associa à “injustiça cognitiva” que, ao longo dos anos, vem tentando monopolizar o que reconhecemos por conhecimento.

Talvez essa busca por um molde represente um reflexo da dicotomia que pressupõe o certo e o errado, a verdade e a mentira, que incorporada ao longo da vida, me fez pensar que havia um único “jeito certo” de fazer pesquisa, um único caminho possível, e que nesse caminho, o caminhante deveria ser invisível “pois aprendemos com a ciência moderna que é preciso separar, para estudo, sujeito do objeto” (ALVES, 2008, p. 134). Entretanto, com a mala pronta e arriscando os primeiros passos da viagem, me percebi sendo, aos poucos, deslocada daquele lugar que a priori pensava ser o meu - um lugar de professora pesquisadora de práticas docentes que não as suas e de seus pares. Este deslocamento foi provocado pela possibilidade de desbravar outro caminho, através de atalhos já percorridos por pesquisadores que defendem a existência de diferentes e variados modos de *fazer pensar* (ALVES, 2008, p. 134) e produzir conhecimentos nos cotidianos.

Os cotidianos se traduzem em *espaçostempos* (ALVES, 2008) de criação e produção de existência, conhecimentos, crenças e valores que dão sentido à vida e as formas de vivê-la. Trata-se de uma prática investigativa que não se percebe limitada a responder perguntas, apresentar resultados ou buscar soluções, mas acompanhar e visibilizar os efeitos que emergem dos processos experimentados no encontro entre os sujeitos. Na tentativa de desinvisibilizar e valorizar a trajetória percorrida por professoras de apoio educacional especializado – em que me incluo – num cenário totalmente inusitado e desafiador, me alio a estas *professoras pesquisadoras* e a outros autores na inserção do campo de estudos dos currículos produzidos nos cotidianos para dar a ver as possibilidades e potencialidades criadoras de nossas redes de saberes tecidas coletivamente e, para reafirmar nossa profissão (NÓVOA, 2017).

Apesar de todos os problemas, que não foram poucos, o uso da tecnologia como instrumento, para dar continuidade no currículo, no meu caso, foi positivo. Porque, em sala de aula com a aluna que eu acompanhei durante esse tempo ficava complicado. É uma aluna com paralisia cerebral, então ela necessitava mesmo de muita utilização da tecnologia assistiva e, enquanto sala de aula, a gente não tinha condições desse suporte.

Já com o atendimento remoto, eu utilizando o conhecimento e a minha tecnologia, eu pude passar pra ela de uma forma bem mais efetiva o conteúdo curricular e o aprendizado. Apesar da possibilidade dela de utilização do meio de comunicação, não era uma máquina tão 100%, mas deu pra acompanhar bastante e a gente percebia né, eu percebia no olhar dela, na expressão dela, no feedback que ela me dava, condições de identificar que ela estava aprendendo né.

Então assim, em termos positivos a questão da pandemia facilitou o acesso do atendimento remoto uma vez que com a tecnologia assistiva a gente alcançou, eu alcancei, o objetivo com essa aluna. Não foi fácil, uma vez que os aparelhos dela não tinham uma memória tão boa, então a aula *online in loco*, eu ligada e ela ligada também, a gente muitas vezes caía, mas os momentos em que pode ser utilizado foi

muito bom (Conversa entre professoras. Narrativa de experiência da professora M, 2022).

Ao estudar a narrativa da professora M, podemos perceber que ela trouxe para a conversa os desafios impostos pela desigualdade econômico-social característica do modo político econômico em que vivemos quando diz que a aluna acessava as aulas virtuais com dificuldade pois os recursos tecnológicos, aparelhos eletrônicos e rede móvel de que sua família dispunha eram limitados. Ainda que as circunstâncias não fossem as ideais, professora e aluna, com o apoio da família, conseguiram encontrar estratégias, aprenderam a utilizar as ferramentas tecnológicas e, juntas, produziram conhecimentos. Na narrativa aparece o termo “conteúdo curricular” associado à ideia de transmissão e de objetivo atingido. Mas o que compõe a narrativa não são conteúdos, mas processos que envolvem a experiência que resulta da relação entre elas (estudante e professora). Estes conhecimentos, que se materializam nos usos dos instrumentos a que tiveram acesso, as formas como se articularam para estabelecer o contato e manter o vínculo, as gambiarras que possivelmente foram criadas para que o momento do encontro acontecesse, cada detalhe que constitui o processo e os caminhos para estarem virtualmente juntas, poderiam aqui ser entendidos como currículos que ali foram produzidos.

As dimensões que abrangem o entendimento sobre currículos precisam contemplar os movimentos de sua produção (GARCIA, 2015, p. 295), isso significa perceber as práticas sociais e culturais presentes nas relações entre os sujeitos e os conhecimentos. Este é um convite a pensar as produções curriculares que emergiram na pandemia, analisando-as como possíveis movimentos que expressam práticas de resistências às tentativas de controle e centralização curricular. Importa dizer que não caminho em busca de definições totalizantes e deterministas, ao contrário, busco contribuir para o deslocamento dos sentidos naturalizados e pensar as práticas que compõem os currículos que produzimos em nossas ações cotidianas.

Ao mergulhar nas vivências e complexidades da docência e nos sentidos que emergem das narrativas sobre os processos de produção curricular possíveis durante a trajetória da docência em pandemia para pensar nossas *políticaspráticas* (OLIVEIRA, 2013) e produções curriculares (GARCIA, 2015), podemos reconhecê-las como caminhos de (re)existência às políticas de centralização curricular, tendo em vista que toda prática está enredada por concepções, interesses e posicionamentos políticos (OLIVEIRA, 2013). Defendo a ideia de produções curriculares **possíveis** em pandemia para que não percamos de vista o momento devastador que vivemos e, para marcar o lugar de onde falo, como professora de apoio educacional especializado na rede pública de ensino de Niterói, mas, antes disso, mulher, filha, esposa e praticante da vida. Digo ainda, “possíveis”, pois entendo que muitas outras possibilidades e artes de *dizersaberfazer* cotidianas (FERRAÇO; SOARES; ALVES. 2017, p. 10) nos foram roubadas pela despedida abrupta provocada pela covid-19 que acometeu tantas companheiras de profissão e cujas vidas foram tiradas.

REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho: os cotidianos das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: OLIVEIRA, I. B.; ALVES, N. (Orgs.). *Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas: sobre redes de saberes*. Petrópolis: DP e Alii, 2008.

DA CONCEIÇÃO PASSEGGI, M. Narrativas da experiência na pesquisa-formação: do sujeito epistêmico ao sujeito biográfico. *Roteiro*, [S. l.], v. 41, n. 1, p. 67-86, 2016. DOI: 10.18593/r.v41i1.9267.

FERRACO, Carlos Eduardo; SILVA SOARES, Maria da Conceição; ALVES, Nilda. Michel de Certeau e as pesquisas nos/dos/com os cotidianos em educação no Brasil. *Pedagogía y Saberes* [online], n. 46, p. 7-17, 2017. ISSN 0121-2494.

GARCIA, Alexandra. Currículo: sobre sentidos e produções cotidianas. In: FERRAÇO, Carlos Eduardo. et al. (Orgs.). *Diferentes perspectivas de currículo na atualidade*. Petrópolis: DP et alii, 2015. v. 1, p. 289-304.

[GARCIA, A.](#); RODRIGUES, A. C.; GONÇALVES, R. M. A conversa como princípio metodológico para pensar a pesquisa e a formação docente. In: RIBEIRO, Tiago; SANCHES, Carmem; SOUZA, Rafael (Org.). *Conversa como metodologia de pesquisa por que não?* 1. ed., v. 1, Rio de Janeiro, AYVU, 2018, p. 119-142.

NÓVOA, A. Firmar a posição como professor, afirmar a profissão docente. *Cadernos de Pesquisa*, v. 47, n. 166, p. 1106-1133, out./dez. 2017.

OLIVEIRA, Inês Barbosa. Currículo e processos de *aprendizagem* *em* *sino*: *políticas* *práticas* educacionais cotidianas. *Currículo sem Fronteiras*, v. 13, n. 3, p. 375-391, set./dez. 2013.

SANTOS, Boaventura de Souza. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, Boaventura de Souza; MENESES, Maria Paula. (Orgs.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010. p. 23-71.

[1] A opção estética por relacionar pesquisa e viagem origina na percepção de ambas como experiências transformadoras e produtoras de sentidos que marcam minha trajetória.